

GEORGES SIMENON

O quarto azul

Tradução
André Telles



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1964 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La Chambre bleue

Projeto gráfico

Alceu Chiesorin Nunes e Bruno Romão

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Willy Ronis/ Getty Images

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Adriana Bairrada

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.

O quarto azul/ Georges Simenon ; tradução André Telles. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: La Chambre bleue.
ISBN 978-85-359-2525-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2. Romance francês I. Título.

14-13159

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

– Machuquei você?

– Não.

– Ficou zangado?

– Não.

Era verdade. Naquele momento era tudo verdade, uma vez que ele vivia a cena em estado bruto, sem se fazer perguntas, sem tentar compreender, sem suspeitar que um dia haveria alguma coisa a ser compreendida. Não só era tudo verdade, como real: ele, o quarto, Andréé, que permanecia deitada na cama desarrumada, nua, as coxas abertas com a mancha escura do sexo, de onde escorria um fio de esperma.

Estava feliz? Se lhe houvessem perguntado isso, teria respondido sim, sem hesitar.

Não lhe passava pela cabeça ficar com raiva de Andréé por ela ter mordido seu lábio. Aquilo fazia parte de um todo, assim como o resto, e de pé, igualmente nu, no espelho do banheiro, ele dava uns tapinhas no lábio com a toalha embebida na água fria.

– Sua mulher vai fazer perguntas?

– Acho que não.

– Ela costuma fazer?

As palavras não tinham importância. Falavam pelo prazer de falar, como se fala depois do amor, o corpo ainda sensível, a cabeça um pouco vazia.

– Como suas costas são bonitas.

Algumas manchas rosadas salpicavam a toalha e, na rua, um caminhão vazio chacoalhava nos paralelepípedos. Na varanda, pessoas conversavam. Aqui e ali se distinguiam palavras, as quais não formavam frases e não queriam dizer nada.

– Você me ama, Tony?

– Acho que sim.

Zombava, porém sem sorrir, por causa do lábio inferior, que ele continuava a pressionar com a toalha.

– Não tem certeza?

Ele se voltou a fim de olhar para ela e sentiu prazer ao perceber aquele sêmen, que era o seu, tão intimamente misturado ao corpo da companheira.

O quarto era azul, um azul de alvejante, ele pensara um dia, um azul que lhe lembrava a infância, os saquinhos de pano cheios de pó azul que sua mãe dissolvia numa bacia de lavar roupa antes do último enxágue, pouco antes de ir estendê-la sobre a grama reluzente do quintal. Ele devia ter cinco ou seis anos e se perguntava que milagre fazia a cor azul branquear a roupa.

Mais tarde, muito tempo depois da morte da mãe, cujo rosto já se esfumava em sua memória, ele se perguntara também por que pessoas tão pobres como ele, que vestiam roupas cerzidas, davam tanta importância à alvura da roupa.

Pensara nisso na ocasião? Só mais tarde viria a saber. O azul do quarto não era só o azul do alvejante, como também o do céu em certas tardes quentes de agosto, um pouco antes de o poente se tingir de rosa, depois de vermelho.

Estavam em agosto. Dois de agosto. A tarde chegava ao fim. Às cinco horas, nuvens douradas, com uma leveza de clara em neve, começaram a erguer-se acima da estação ferroviária, cuja fachada branca permanecia na sombra.

– Passaria a vida inteira comigo?

Ele não tinha consciência de estar gravando as palavras. Tampouco as imagens ou cheiros. Como poderia adivinhar que iria reviver aquela cena dez, vinte vezes, mais até, sempre num estado de espírito diferente, sempre a partir de outro ângulo?

Durante meses tentaria reconstituir o mais ínfimo detalhe, nem sempre voluntariamente, mas porque outros o obrigariam.

O professor Bigot, por exemplo, psiquiatra designado pelo juiz de instrução, insistiria, atento às suas reações:

– Ela o mordida com frequência?

- Aconteceu.
- Quantas vezes?
- Ao todo, só nos encontramos oito vezes no Hôtel des Voyageurs.
- Oito vezes em um ano?
- Em onze meses... Sim, onze, uma vez que tudo começou em setembro...
- Quantas vezes ela o mordeu?
- Três ou quatro, talvez.
- Durante o ato?
- Acho que sim...

Sim... Não... Na realidade, hoje acontecera depois, quando, separado dela, continuava ao seu lado, fitando-a através dos cílios semicerrados. A luz que os envolvia o enfeitiçava.

Estava quente do lado de fora, na Place de la Gare, assim como fazia um calor vivo, que parecia respirar, no quarto fustigado em cheio pelo sol.

Ele não fechara completamente as folhas da janela, deixando uma fresta de uns vinte centímetros, de maneira que, aberta, eles ouviam os rumores da cidadezinha, uns confusos, formando uma espécie de coro distante, outros próximos e claros, bem destacados, as vozes dos fregueses da varanda, por exemplo.

Pouco antes, quando ainda se entregavam ao amor selvagem, aqueles rumores os alcançavam, formavam um todo com seus corpos, sua saliva, seu suor, o branco da barriga de Andrée e o tom mais moreno da pele dele, o raio de luz em forma de losango que dividia o quarto em dois, o azul das paredes, um reflexo móvel no espelho e o cheiro do hotel, um cheiro ainda rural, o do vinho e das aguardentes servidas na primeira sala, do ragu refofando na panela, do colchão enfim, de crina vegetal, um pouco mofado.

- Como você é bonito, Tony.

Ela repetia isso a cada encontro, sempre no momento em que permanecia deitada e ele ia e vinha no quarto, vasculhando no bolso da calça atirada numa cadeira de fundo de palha para pegar seus cigarros.

- Ainda está sangrando?
- Parou praticamente.
- O que dirá se ela perguntar?

Ele dava de ombros, não entendia por que ela cismava com aquilo. Para ele, no momento, nada tinha importância. Sentia-se bem, em harmonia com o universo.

– Direi que bati... No para-brisa do carro, por exemplo, uma freada brusca...

Acendia seu cigarro, que tinha um gosto especial. Quando reconstituísse aquele encontro, se lembraria de outro cheiro, o dos trens, que era possível isolar dos demais. Um trem de carga manobrava atrás das construções em baixa velocidade e sua locomotiva às vezes apitava brevemente.

O professor Bigot, que era ruivo, baixo e magro, com espessas sobrancelhas rebeldes, insistiria:

- Não lhe ocorreu que ela o mordida de propósito?
- Por quê?

Mais tarde, o dr. Demarié, seu advogado, voltaria ao trabalho.

– Penso que podemos tirar partido dessas mordidas...

Mais uma vez, como poderia ter pensado naquilo quando estava ocupado exclusivamente em viver? Pensava em alguma outra coisa? Em caso afirmativo, era à sua revelia. Respondia a Andrée sem refletir, da boca para fora, num tom leviano, animado, persuadido de que as palavras que lançava não tinham peso algum e, com mais forte razão, de que não iam perpetuar-se.

Uma tarde, era seu terceiro ou quarto encontro, após elogiar sua beleza, Andrée acrescentara:

– Você é tão bonito que eu gostaria de fazer amor com você na frente de todo mundo, no meio da Place de la Gare.

Ele rira, sem no entanto ficar muito surpreso. Não lhe desagradava, quando se amavam, manter certo contato com o mundo exterior, com os barulhos, as vozes, a vibração da luz, e até com os passos na calçada, com o tilintar dos copos nas mesinhas do terraço.

Um dia, uma banda passara e eles haviam se divertido em ritmar seus movimentos de acordo com a música. Outra vez, quan-

do uma tempestade desabara, Andréé fizera questão de que ele escancarasse a janela e as folhas.

Aquilo não era uma brincadeira? Em todo caso, não vira malícia no fato. Ela estava nua, deitada atravessada na cama numa pose propositadamente obscena. Fazia questão, assim que transpunham a porta do quarto, de mostrar-se o mais devassa possível.

Quando acabavam de se despir, ela costumava murmurar com uma falsa inocência inequívoca, que fazia parte da brincadeira:

– Estou com sede. Você não?

– Não.

– Daqui a pouco ficará. Então toque para chamar a Françoise e peça algo para beber...

Françoise, a garçonete, tinha cerca de trinta anos e servia em bares e hotéis desde os quinze, de maneira que não se admirava com nada.

– Sim, sr. Tony.

Ela dizia sr. Tony porque ele era irmão de seu patrão, Vincent Falcone, cujo nome estava pintado na fachada e cuja voz se ouvia na varanda.

– Nunca se perguntou se ela não agia assim com um objetivo predeterminado?

O que ele vivia, meia hora, se tanto, alguns minutos de sua existência, seria decomposto em imagens e sons escandidos, passado na lupa, não só pelos outros, mas por ele também.

Andrée era alta. Na cama, não parecia, mas tinha três ou quatro centímetros a mais que ele. Embora fosse da região, tinha os cabelos castanhos, quase negros, de meridional ou italiana, contrastando com uma pele branca e lisa, que refletia na luz. Seu corpo era um pouco pesado, suas formas, cheias, e sua carne, sobretudo seios e coxas, tinham uma rigidez reluzente.

Aos trinta e três anos, ele conhecera muitas mulheres. Nenhuma lhe havia proporcionado tanto prazer como ela, um prazer total, animal, sem subterfúgios, ao qual não sucedia nem repulsa, nem embaraço, nem lassidão.

Ao contrário! Após duas horas dedicadas a obter o máximo de gozo de seus corpos, permaneciam ambos nus, prolongando a intimidade carnal, saboreando a harmonia estabelecida não só entre eles, mas com tudo que os cercava.

Tudo contava. Tudo tinha seu lugar num universo vibrante, até mesmo a mosca pousada na barriga de Andrée, que esta observava com um sorriso saciado.

– Passaria mesmo a vida inteira ao meu lado?

– Claro...

– Tem tanta certeza assim? Não ficaria com um pouco de medo?

– Medo de quê?

– Imagina como seriam nossos dias?

Essas palavras, tão banais naquele dia, voltariam ameaçadoras dentro de poucos meses.

– A gente acabaria se acostumando – ele murmurava, sem refletir.

– Com o quê?

– Um ao outro.

Ele era puro, inocente. Vivia o aqui e o agora. Um macho vigoroso e uma fêmea ferosa acabavam de se inebriar consigo mesmos e, se Tony ainda sentia o corte no lábio, era uma dorzinha saudável e gostosa.

– Ei! Olha o trem...

Não era ele quem falava. Era seu irmão, do lado de fora. Nem por isso as palavras deixaram de impressionar Tony, que mecanicamente se dirigiu à janela, postando-se na fresta de luz ardente entre as folhas de madeira.

Será que o viam do lado de fora? Não se preocupava com isso. Com certeza não, pois do exterior o quarto devia parecer às escuras e, como estavam no primeiro andar, só o seu tronco era visível.

– Quando penso em todos os anos que perdi por sua culpa.

– Minha? – ele repetia alegremente.

– Quem foi embora? Eu?

Quando tinham seis anos de idade, iam à escola juntos. Ti-

veram que esperar os trinta e estarem casados, cada um de seu lado...

– Seja sincero, Tony, se eu ficasse livre...

Ele escutava? O trem, invisível atrás do prédio branco da estação, parara, e passageiros começavam a sair pela porta da direita, onde um funcionário em uniforme recolhia as passagens.

– Você ficaria livre também?

Antes de partir novamente, a locomotiva apitara tão alto que não se ouviu mais nada.

– O quê?

– Perguntei se, nesse caso...

Ele voltara um pouco a cabeça para o azul do quarto e o branco da cama e do corpo de Andrée, mas uma imagem, no limiar de seu campo visual, atraía novamente seu olhar para fora. Entre os vultos anônimos, homens, mulheres, um bebê no colo da mãe, uma garotinha que puxavam pela mão, ele acabava de reconhecer um rosto.

– Seu marido...

Numa fração de segundo, Tony mudara de expressão.

– Nicolas?

– Sim...

– Onde ele está? O que está fazendo?

– Atravessando a praça.

– Vem para cá?

– Direto.

– Como está a cara dele?

– Não sei. Está de costas para o sol.

– Aonde você vai?

Pois ele juntava roupas, cueca, sapatos.

– Não posso ficar aqui... Contanto que ele não nos encontre juntos.

Ele não olhava mais para ela, não se preocupava mais com ela, nem com seu corpo nem com o que poderia dizer ou pensar. Em pânico, dava uma última espiada pela janela e debandava do quarto.

Se Nicolas pegara o trem para vir a Triant, quando a mulher se encontrava lá, era por um motivo sério.

Na escada de degraus carcomidos, a penumbra era mais fresca e Tony, com as roupas no braço, subiu um andar e, no fundo do corredor, encontrou uma porta entreaberta. Françoise, de vestido preto e avental branco, trocava os lençóis de uma cama. Ela o mirou da cabeça aos pés e desatou a rir.

– Oh, sr. Tony! Brigaram?

– Psiu...

– O que está havendo?

– O marido...

– Flagrou vocês dois?

– Ainda não... Está vindo para o hotel.

E voltou a se vestir freneticamente, esticando os ouvidos, esperando reconhecer o passo frouxo de Nicolas na escada.

– Vá verificar o que ele está fazendo e volte depressa para me contar.

Tinha afeição por Françoise, uma moça forte, determinada, com olhos risonhos, e ela retribuía.

Parte do teto era inclinada, o papel de parede estampava flores cor-de-rosa e um crucifixo negro abençoava a cama de noqueira. No quarto azul também havia um crucifixo, menor, pendurado na chaminé da lareira.

Ele estava sem gravata e deixara o paletó no carro. As precauções que ele e Andrée haviam se imposto um ano antes se verificavam subitamente úteis.

Quando se encontravam no Hôtel des Voyageurs, Tony deixava sua caminhonete na velha e calma Rue des Saules, paralela à Rue Gambetta, enquanto Andrée estacionava seu carro 2 CV cinza na Place du Marché, a mais de trezentos metros.

Pela janela do sótão, ele descortinava o pátio do hotel, tendo, ao fundo, a estrebaria, onde ciscavam algumas galinhas. Todas as terceiras segundas-feiras do mês realizava-se uma feira de gado em frente ao entreposto das remessas, e muitos

camponeses das redondezas continuavam a vir a Triant em carroça.

Françoise voltava sem pressa.

– Então?

– Está sentado na varanda e acaba de pedir uma limonada.

– Como está a cara dele?

Fazia quase as mesmas perguntas que Andrée ainda há pouco.

– Está sem expressão.

– Perguntou pela mulher?

– Não. Mas, de onde está, pode vigiar as duas saídas.

– Meu irmão não falou nada?

– Para você fugir pelos fundos, atravessando o pátio da oficina ao lado.

Ele conhecia o caminho. Saltando um muro de um metro e meio no pátio, alcançaria os fundos da Garage Chéron, cujas bombas de combustível se alinhavam na Place de la Gare e, de lá, um beco dava acesso à Rue des Saules, entre uma farmácia e a Boulangerie Patin.

– Não sabe o que ela está fazendo?

– Não.

– Ouviu barulho no quarto?

– Não escutei.

Françoise não gostava de Andrée, talvez porque tivesse uma quedinha por ele e fosse ciumenta.

– Melhor não passar pelo saguão, ele pode querer ir ao banheiro.

Ele imaginava Nicolas, a tez biliosa, o rosto sempre triste ou taciturno, sentado na varanda diante de uma limonada, quando deveria estar atrás do balcão de sua mercearia. Teria pedido à mãe para que ela o substituísse enquanto ele ia a Triant? Que desculpa lhe dera para aquela viagem inusitada? O que ele sabia? Quem o informara?

– Nunca pensou, sr. Falcone, na possibilidade de uma carta anônima?

A pergunta era feita pelo dr. Diem, o juiz de instrução a quem sua timidez tanto desconcertava.

– Ninguém, em Saint-Justin, sabia do nosso caso. Tampouco em Triant, à exceção de meu irmão, minha cunhada e Françoise. Tomávamos todas as precauções. Ela entrava pela portinhola da Rue Gambetta, que fica ao pé da escada, o que lhe permitia subir ao quarto sem passar pelo café.

– E confia plenamente no seu irmão, suponho?

Ele não podia senão sorrir diante de tal pergunta. Seu irmão era como se fosse ele mesmo.

– Na sua cunhada também?

Lucia o amava tanto quanto a Vincent, de outra maneira, é claro. Era, como eles, de origem italiana, e a família vinha em primeiro lugar.

– A garçoneite?

Mesmo estando apaixonada por Tony, Françoise nunca enviaria uma carta anônima.

– Falta alguém... – murmurara o dr. Diem, desviando a cabeça, enquanto o sol brincava em seus cabelos desgrenhados.

– Quem?

– Não vê? Lembre-se das frases que repetiu para mim por ocasião de seu último interrogatório. Quer que o escrivão as releia?

Ele corava, balançava a cabeça.

– Não é possível que Andrée...

– Por que não?

Mas isso ainda estava longe. Por enquanto, ele descia a escada atrás de Françoise, tomando cuidado para não fazer os degraus rangerem. O Hôtel des Voyageurs era do tempo das diligências. Tony parara um instante em frente ao quarto azul, onde não ouviu nenhum som. Deduzira que Andrée, ainda nua, continuava deitada na cama.

Françoise o arrastava para o fundo do corredor, que fazia um cotovelo, e apontava para uma pequena janela aberta no teto descaído de um galpão.

– Há um monte de palha à direita. Pode pular, não há perigo.

As galinhas cacarejaram quando seus pés bateram no chão do pátio e, no instante seguinte, ele pulava o muro dos fundos e se

via em meio à parafernália de carros velhos e peças avulsas. Um frentista de branco enchia o tanque de um carro diante da estação ferroviária e não se virou.

Tony esgueirou-se, encontrou o beco, que cheirava a água podre, depois, mais adiante, a pão quente, pois um respiradouro dava para o forno da padaria.

Finalmente, na Rua des Saules, instalava-se ao volante de sua caminhonete, que estampava em letras pretas num fundo limão:

Antoine Falcone

Tratores – Máquinas agrícolas

Saint-Justin-du-Loup

Quinze minutos antes, sentia-se em paz com o mundo inteiro. Como definir o mal-estar que se apoderara dele? Não era medo. Estava acima de qualquer suspeita.

– Não ficou nervoso ao vê-lo sair da estação?

Sim... Não... Um pouco, por conta do caráter e dos hábitos de Nicolas, de sua saúde, que inspirava tantos cuidados.

Contornara em Triant para se dirigir à estrada de Saint-Justin, sem passar pela Place de la Gare. Perto de uma ponte sobre o Orneau, uma família inteira pescava. Inclusive uma garotinha de seis anos, que acabava de fugar um peixe e não sabia como tirá-lo do anzol. Certamente parisienses. No verão, eram vistos por toda parte; no estabelecimento de seu irmão também, e, do quarto azul, um pouco antes, reconhecera seu sotaque na varanda.

A estrada atravessava lavouras, onde o trigo fora colhido há quinze dias, vinhedos, campos onde pastavam as vacas da região, baias, focinho quase negro.

Saint-Séverin, a três quilômetros dali, não passava de uma rua tacanha, com algumas chácaras espalhadas no entorno. Depois, à direita, ele viu o pequeno bosque que chamavam de Bois de Sarelle, por causa do nome dessa aldeia, onde ele se escondia.

Havia sido ali, a poucos metros do caminho de terra batida, que em setembro do ano anterior tudo começara.

– Conte-me o início do relacionamento de vocês...

O sargento da guarda de Triant, primeiro, depois o tenente, depois o inspetor da polícia judiciária de Poitiers, todos lhe haviam feito as mesmas perguntas antes de o inquérito chegar ao juiz Diem, ao psiquiatra magro, ao seu advogado, o dr. Demarié, para terminar um dia no presidente do júri.

As mesmas palavras se repetiam ao longo das semanas e meses, pronunciadas por outras vozes, em novos cenários, enquanto a primavera, o verão e depois o outono aconteciam.

– O início de verdade? Nos conhecemos desde os três anos de idade, uma vez que morávamos no mesmo vilarejo e fomos à escola e fizemos a primeira comunhão juntos...

– Falo de suas relações sexuais com André Despierre... Já havia acontecido antes?

– Antes de quê?

– Antes de ela se casar com seu amigo.

– Nicolas não era meu amigo.

– Seu conhecido ou, caso prefira, colega de classe. O sobrenome dela era Formier na época em que morava no castelo com a mãe.

Não era um castelo de verdade. Existira um, antigamente, naquele local, colado à igreja, mas restavam apenas as dependências dos empregados. No último século e meio, sem dúvida desde a Revolução, continuariam a chamar de castelo.

– Aconteceu, antes do casamento dela?

– Não, senhor juiz.

– Nem sequer um flerte? Não a tinha beijado?

– Isso não me passaria pela cabeça.

– Por quê?

Ele quase respondeu:

– Ela era alta demais.

E era verdade. Nunca associara ao amor aquela moça esguia e impassível que lhe evocava uma estátua.

Além disso, ela era a srta. Formier, filha do dr. Formier, morto no exílio. A explicação era suficiente? Ele não via outra. Ela e ele não se situavam no mesmo plano.

Quando saíam da escola, com a mala nas costas, ela só tinha o pátio a atravessar para chegar em casa, no centro da vila, enquanto ele, com dois colegas, pegava o caminho de La Boisselle, uma aldeola com três chaminés, perto da ponte do Orneau.

– Quando, há quatro anos, o senhor voltou a Saint-Justin, casado e pai de família, e construiu sua casa, restabeleceu contato com ela?

– Ela estava casada com Nicolas e tocava a mercearia junto com ele. Uma vez ou outra entrei para uma comprinha, mas em geral era minha mulher que...

– Conte agora como começou.

No lugar por onde ele passava, justamente, na orla do Bois de Sarelle. Não era dia de feira em Triant, nem do mercado grande. O mercado acontece todas as segundas-feiras, o pequeno, às sextas. Ele costumava ir regularmente, pois era uma maneira de encontrar sua clientela.

Nicolas não dirigia, por causa de suas crises, o juiz sabia. Era Andrée que, todas as quintas-feiras, ia a Triant com o 2 CV para fazer compras nas casas de atacado e semiatacado.

Uma semana sim, outra não, ela passava o dia na cidade, pois aproveitava para ir ao cabeleireiro.

– Em quatro anos, deve tê-la encontrado com frequência...

– Um punhado de vezes, sim. Sempre encontramos gente de Saint-Justin em Triant.

– Dirigia-lhe a palavra?

– Cumprimentava-a.

– De longe?

– De longe, de perto, dependia...

– Não havia outro tipo de contato entre vocês?

– Deve ter me acontecido de perguntar como seu marido ou ela iam passando.

– Sem nenhum interesse por ela?

– Como assim?

– Do inquérito, deduz-se que, durante suas andanças profissionais, o senhor colecionava certo número de aventuras femininas.

- Acontece com todo mundo.
- Com frequência?
- Todas as vezes em que a ocasião se apresentou.
- Por exemplo, com Françoise, a garçonete do seu irmão?
- Uma vez. Por diversão. Foi mais uma brincadeira.
- Como assim?
- Ela me desafiou, não me lembro mais a respeito de que, e um dia, cruzando com ela na escada...
- Foi na escada que aconteceu?
- Sim.

Por que ele o olhava ora como um monstro cínico, ora como um prodígio de candura?

- Nem eu nem ela levamos aquilo a sério.
- Nem por isso deixaram de se falar?
- Claro que não.
- Nunca teve vontade de repetir?
- Não.
- Por quê?
- Porque logo em seguida houve Andrée.
- A garçonete do seu irmão não ficou magoada com o senhor?
- Por que motivo?

Como a vida é diferente quando a vivemos e quando a dissecamos a posteriori! Ele acabava por se deixar perturbar pelos sentimentos que lhe imputavam, por não distinguir mais o verdadeiro do falso, por se perguntar onde terminava o bem e onde começava o mal.

Aquele encontro de setembro, por exemplo! Uma quinta-feira, seguindo toda probabilidade, uma vez que Andrée fora a Triant. Ela decerto se atrasara, no cabeleireiro ou outro canto, pois voltava mais tarde que de costume, quando já anoitecia.

Quanto a ele, vira-se obrigado a beber vários copos de vinho regional com clientes. Bebia o mínimo possível, mas sua profissão nem sempre lhe permitia recusar uma rodada.

Estava alegre, leve, como ainda há pouco no quarto azul, quando em pé, nu em pelo diante do espelho, estancava o sangue do lábio.

Acabava de acender os faróis no crepúsculo quando percebeu o 2 CV cinza de Andrée na beira da estrada e a própria Andrée, de vestido claro, lhe acenando para parar.

Muito naturalmente, ele freara.

– Que sorte você passar, Tony...

Mais tarde lhe perguntariam, como se fosse uma acusação contra ele:

– Já se tratavam por “você”?

– Desde a escola, claro.

– Continue.

Afinal, o que o juiz poderia estar anotando na folha datilografada disposta à sua frente?

– Ela me disse: “Na única vez em que deixo o macaco em casa, o pneu do carro fura... Por acaso tem um macaco?”.

Não fora preciso nem tirar o paletó, pois ainda fazia calor e ele não o vestira. Lembrava-se de que sua camisa de gola aberta tinha mangas curtas e a calça era de brim azul.

O que lhe restava fazer senão trocar o pneu?

– Você tem um estepe?

Enquanto ele trabalhava, escurecera completamente e Andrée, em pé ao seu lado, lhe passava as ferramentas.

– Vai se atrasar para o seu jantar.

– Isso é muito comum na minha profissão.

– Sua mulher não fala nada?

– Ela sabe que a culpa não é minha.

– Conheceu-a em Paris?

– Em Poitiers.

– Ela é de Poitiers?

– De um lugarejo ali perto. Ela trabalhava na cidade.

– Gosta das louras, não é?

Gisèle era loura, com uma pele fina, diáfana, que se tingia de rosa à menor emoção.

– Não sei. Nunca pensei nisso.

– Sempre achei que você tivesse medo das morenas.

– Por quê?

– Porque no colégio beijou quase todas as garotas do vilarejo, menos eu.

– Engraçado, não tinha pensado nisso.

Ele brincava, limpava as mãos no seu lenço.

– Quer experimentar me beijar, só uma vezinha?

Ele olhara para ela com espanto, tentando a repetir seu: “Por quê?”.

Não a via direito no escuro.

– Quer? – ela repetira, com uma voz que ele mal reconhe-
cera.

Lembrava-se das lanternas vermelhas na traseira do carro, do perfume das castanheiras, depois do cheiro, do gosto da boca de André. Os lábios pressionando os seus, ela agarrando-lhe a mão e levando-a ao seio, que ele se admirava de encontrar tão desenvolvido, tão pesado, tão arfante.

Ele, que a tomara por uma estátua!

Um caminhão se aproximava e, para se esquivar de seus faróis, eles haviam recuado, sempre grudados um no outro, descendo as margens da estrada, onde se erguiam as primeiras árvores. Ali, subitamente, André fora tomada por um tremor incontido, como ele jamais vira numa parceira, e repetia, arrastando-o com todo o seu peso:

– Você quer?

Viram-se no solo, no capinzal, nas urtigas.

Não contou isso nem aos policiais nem ao juiz. O professor Bigot, só ele, o psiquiatra, lhe arrancara parte da verdade: fora ela que se arregaçara até o ventre, que tirara o sutiã, que lhe ordenara com uma voz gutural, semelhante a um estertor:

– Possua-me, Tony!

No fim das contas, ela é que o havia possuído e seus olhos exprimiam um misto de triunfo e paixão.

– Eu não imaginava que ela fosse assim.

– Como?

– Julgava-a uma garota fria, inacessível, como a mãe.

– Ela não ficou envergonhada, depois?

Ela lhe dissera, deitada na grama, imóvel, com as pernas abertas, como aquela tarde no quarto de hotel:

– Obrigada, Tony.

Parecia pensar isso. Mostrava-se humilde, quase uma garotinha.

– Fazia tempo que eu tinha vontade, imagine só! Desde a escola. Lembra a Linette Pichat, aquela que era vesga e que nem por isso você deixou de cortejar meses a fio?

Agora ela era professora primária na Vendeia e todo ano vinha passar as férias na casa dos pais.

– Flagrei vocês juntos, uma vez. Você devia ter catorze anos.

– Atrás da olaria?

– Não esqueceu?

Ele rira.

– Não esqueci porque era a primeira vez.

– Dela também?

– Não faço ideia. Eu não tinha experiência suficiente para notar.

– Eu a odiava! Durante meses, à noite, na cama, me perguntava como poderia fazê-la sofrer.

– Conseguiu?

– Não. Limitei-me a rezar para que ela ficasse doente ou um acidente a desfigurasse.

– Acho melhor voltarmos para Saint-Justin.

– Só mais um instante, Tony! Não! Não se levante. Precisamos dar um jeito de nos encontrar sem ser na beira da estrada. Todas as quintas-feiras eu vou a Triant.

– Eu sei.

– Talvez seu irmão...

O juiz devia concluir:

– Em suma, combinaram tudo naquela mesma tarde?

Difícil saber se falava com ironia ou não.

No dia 2 de agosto, o juiz ainda não existia na vida de Tony. Ele voltava para casa. Ainda não escurecera, como em setembro. Só agora o céu começava a avermelhar, no oeste, e ele foi obrigado a seguir um bom tempo um rebanho de vacas até conseguir ultrapassá-lo.

Um vilarejo numa depressão do terreno: Doncoeur. Depois um litoral suave, mais plantações, pastagens, um céu vasto e,

atravessando um mata-burro, a visão de sua casa tinindo de nova, os tijolos cor-de-rosa, um reflexo de sol numa vidraça, sua filha Marianne sentada na soleira da porta e, atrás, no fim do terreno, o hangar prateado no qual seu nome se estampava como na caminhonete e onde se alinhavam as máquinas agrícolas.

De longe, Marianne reconhecera o automóvel e, voltando-se para a porta, anunciara:

– É o papá!

Recusava-se a dizer papai como as outras crianças e às vezes, de brincadeira, talvez também por ciúmes da mãe, acontecia-lhe chamá-lo de Tony.